

11ª Semana de Museus - II Encontro de educadores

Educação em museus pelos educadores: mudança social existe?

Por Ana Luisa Nossar

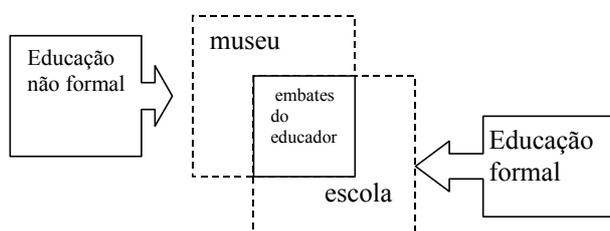
A Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall existe há mais de vinte e cinco anos e investigamos intensamente o conceito de participação ampla e intensa do público, que marcou o pensamento de Maurício Segall, um dos idealizadores do Museu. Além disto, as pesquisas acadêmicas realizadas por Denise Grinspum, nutriram a estrutura da área que, além de produzir materiais educativos, conteúdos ligados à leitura de imagem e cursos para professores, atendia a escolas, famílias e aperfeiçoaram o olhar sobre escola, o professor e as famílias.

Desde de 2012 a área de ação educativa dá a ver a potência criadora do educador assumindo-o como um articulador ativo, justamente, porque é da sua prática diária que se inclina todo o trabalho.

Para garantir um espaço de debate entre educadores e reforçar o importante papel do educador, em 2013, a programação da Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall para a 11ª Semana de Museus/IBRAM dá continuidade à abertura de espaços que privilegiam relatos de experiências de educadores envolvidos diretamente na mediação. O sucesso do I ENCONTRO DE EDUCADORES, realizado em 2012, motiva a realização deste II ENCONTRO DE EDUCADORES – EDUCAÇÃO EM MUSEUS PELOS EDUCADORES: MUDANÇA SOCIAL EXISTE? O tom provocativo desta Semana de Museus inspira o debate sobre a condição do museu e da prática educativa, para o qual foram convidados os educadores Diana Tubenchlak e Marco Biglia, com mediação de Elaine Fontana coordenadora de conteúdo da Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall.

Porque o museu se “escolariza”? É detentor de um saber maior?

Partindo de suas experiências como educadora em âmbito formal e não formal Diana destacou a importância de conhecermos o histórico das práticas da educação em museus no Brasil para podermos pensar o futuro das mesmas. Os textos de Rosa Iavelberg, Maria Margaret Lopes, Jacques Rancière, Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho foram apontados como referências teóricas¹.



Em seu histórico, Diana reporta ao Rio de Janeiro, nos anos 1930, quando, segundo ela, a educação em Museus já nasce escolarizada. Na década de 1950, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro MAM/RJ faz experiências com ateliês alternativos e nos anos 1960, realiza os “Domingos da criação”, abertos a públicos diversos, expandindo

¹ Lopes, Maria Margarete. **A favor da desescolarização dos museus**. In. Educação e Sociedade, No. 40, dez, 1991. pp. 443-454.

as fronteiras da ação educativa. Em São Paulo, a ação educativa das Bienais constitui um importante centro formador de educadores. Nos anos 90, a Brasil Connects organizou várias exposições e formou uma série de educadores voltados ao atendimento de público escolar. De maneira geral, a organização de cursos e programas especiais para professores é prática recorrente dos museus, tendo em vista sua relevância como mediadores e multiplicadores de público.

Para as instituições em que o número de visitantes é contrapartida para contribuições de instituições privadas (patrocínio) o trabalho com professores traz resultados medidos na catraca e na receita da instituição, conforme o caso. Por outro lado, não se trata apenas de números, há vínculos de afeto, o “mestre ignorante” de Rancière e o professor “eterno estudante” de Iavelberg foram citados como referência pelos participantes. Diana lembra que nas escolas convivem vários tempos históricos, há estruturas frágeis e sofisticadas operando ao mesmo tempo. Como exemplo destes contrastes Diana aponta a Escola Comunitária de Campinas que dispõe de uma galeria na qual são expostos trabalhos de artistas contemporâneos.

Diana prossegue: se por um lado, existem atitudes dos museus que “verticalizam” as relações, indo por um viés hierárquico: modismos, metas a cumprir, exagerar no papel de agentes de mudança social, fornecer subsídios para complementar formação do professor. Por outro lado, Rancière nos fala de laços intelectuais igualitários reiterando a possibilidade de relações de caráter horizontal, como a abertura ao debate, funcionar como um laboratório de idéias, estimular trocas com professor-pesquisador, proporcionar vivências em arte contemporânea configura processos de formação continuada. O fato do professor sair do museu com um plano de aula fechado é considerado como ponto negativo, seria mais pertinente reforçar aquilo que potencializa o plano de aula. Possivelmente, as questões envolvidas no esforço para construir relações mais igualitárias entre o mestre e seu aluno se aproximam daquelas que perpassam a relação entre o museu e o professor. O programa “Contatos com a arte” do MAM/SP emprega, segundo Diana, formatos mais abertos e se relaciona com um professor pesquisador (oferecendo oportunidades de contato com artistas, referências para pesquisa, biblioteca do museu, catálogos, DVDs para consulta), cujas demandas são consideradas na programação das atividades. Diana encerra sua fala recomendando que as instituições culturais reflitam sobre as reais motivações que as levam a oferecer cursos para professores.

Elaine Fontana cita o Projeto Professor Educador, em desenvolvimento no Museu Lasar Segall, cuja finalidade é preparar professores para que atuem nas visitas com seus alunos, sem mediação de um educador do museu. Para tal, o professor faz um curso continuado, adquirindo maior tranquilidade perante aspectos físicos e conteúdos que compõem o trabalho do artista. Vale ressaltar que não se trata de ocupar o papel do educador, a Área de ação educativa assume que ambos trabalham em paralelo, cada um com suas formas e qualidades próprias.

O que a mediação e o teatro transformam?

Marco Biglia traça analogias entre os papéis do ator e do mediador. De acordo com sua experiência em ambos os campos, o profissional está sempre diante de obras de arte e deve fazer escolhas: recortes, fundamentos, tom da fala. Para discutir o tema da 11ª semana de museus, Marco traz os teóricos Michel de Certeau² e Natalie Heinich³,

² Ver Certeau, Michel de. **Cultura no plural**. São Paulo: Papyrus, 1993.

³ Ver Heinich, Nathalie. **Sociologia da arte**. São Paulo: EDUSC, 2008.

cujas pesquisas sobre cultura e sociologia da arte contribuem para problematizar o debate.

Certeau coloca em perspectiva dimensões invisíveis da sociedade do espetáculo: assuntos proibidos, pessoas excluídas, discursos dissociados da prática. O homem do século XX se transforma em máquina de trabalho e em mero espectador da vida. Marco prossegue: "o homem contemporâneo mal conhece a sociedade em que se insere. Neste mundo dominado por signos, discursos e linguagens, qual é o papel do mediador? Diante de obras de arte, que tipo de atores somos nós? Quem fala para quem? Há que se pensar nos processos de edição de imagens, palavras e nos modos de recepção. Na mediação se dá o encontro de pessoas que falam sobre o trabalho de outras pessoas".

Em que medida estes encontros transformam? Marco propõe o resgate da etimologia da palavra TRANSFORMAR⁴ e aponta o museu como um lugar de intercâmbio, um LUGAR antes da mediação. Transformar implica certas estratégias de mediação:

- Partir da premissa de que a OBRA é ABERTA, como defende Humberto Eco;
- Considerar o SILÊNCIO;
- Refletir sobre o que selecionar, quais os pontos de impacto
- Colocar discursos sob suspeita
- Mobilizar esquecimentos, ignorâncias
- Provocar discursos. Pra quem?
- Como trabalhar o imaginário?

A relação entre o ator e o público, assim como a que se dá entre o educador e o visitante, precisa de um determinado ponto tensão para existir. Na mediação ou no teatro a tensão deste fio/rédea envolve flerte, diálogo, sedução, vontades.

Houve ponderações dos participantes sobre as relações de poder que atravessam a ideia de fisgar o público, o que seria, então, a isca? O público foi "sequestrado", isto é, entrou num ônibus e foi levado a um lugar que ele não escolheu? Como transformar esta situação? Ativar mecanismos de sedução, acolher possibilidades de escapar, atentar para a reposta do outro.

A mediação em campo ampliado envolve:

- Resgate de memórias, questões "proibidas" e não ditas
- Articulações entre passado, presente e futuro
- Peso da máscara institucional
- Honestidade para com o outro e comigo mesmo
- Modos de recepção e entretenimento
- Pluralidade de leituras da obra, sempre aberta
- Tolerância aos silêncios
- Materialidade e imaterialidade da palavra, da obra
- Visível e invisível
- Trajetórias que desconcertam, abertura ao inesperado
- Duplo vínculo - ambiguidades
- Estranhamentos e rejeições

⁴ Etimologia da palavra **transformar** : lat. transfōrmo,as,āvi,ātum,āre 'converter em, transformar, metamorfosear'; ver 1form-; f.hist. sXV transfōrma. Cf. Dicionário Houaiss.

- Presunções e preconceitos – despreparo do público, do professor - que antecipam o ponto de chegada do diálogo.

A mediação é disparadora de diálogos, ponto de partida, não de chegada.

Transformação Social existe?

Os participantes trazem para discussão o poder de transformação social da ação educativa, o trânsito entre repertórios e a necessidade de ajustes de linguagem. Em certos casos é preciso colocar em questão que lugar é esse, investigar em que medida a sociedade se reconhece naquela instituição, se responde às necessidades daquela comunidade. O público está lá voluntariamente ou foi “sequestrado”? É a primeira visita? O que pode explicar a expectativa, a preocupação com “a que horas acaba a visita?”

Outro aspecto é a dissociação entre os discursos do museu e do seu setor educativo, muitas vezes são duas falas muito diferentes. Há distâncias entre o discurso curatorial e o perfil do público da exposição que tende a ser 90% escolar. O educativo em muitos casos “corre atrás” do preenchimento destas lacunas, operando, praticamente, a serviço da escola.

Os participantes reconhecem a potência de mudança social da Arte e que a arte está aí, será que precisa de educativo para ser transformadora? Que mudança social é essa? Dependendo do modo como o mediador atua, corre o risco de apenas ilustrar, de ser pedante, de achatar os significados da obra.

Vale refletir também a respeito das razões que levam o educativo a perguntar ao professor o que ele quer e o que ele está fazendo na sala de aula. Em certos casos, na prática da visita, aquilo que ele demandou pode não acontecer. O desfecho é previsível? Controlável? Por que mesmo é preciso perguntar o que o professor quer? Será que dá para não perguntar nada e simplesmente apresentar os fundamentos do trabalho do educativo de forma breve? Diana exemplifica relatando que o MAM/SP, quando organiza uma nova exposição convida professores para conhecer as propostas elaboradas pela equipe do educativo. Nestas ocasiões o professor tem contato com o que foi pensado a partir dos saberes específicos dos educadores daquele museu, em busca de uma relação mais vertical. O professor avalia em que medida a proposta é compatível com seu projeto.

No debate foi sugerido que os museus dialoguem cada vez mais com seus educativos de modo a explicitarem o que pensam sobre o papel da educação em instituições culturais, o que sem dúvida, ajudaria a definir bases da ação educativa e daria mais corpo às estratégias de atuação do educador e diálogo com os diversos públicos, tanto internos, quanto externos.

Discutiu-se que o educativo, por vezes, é um gueto, lida com saberes específicos do campo da arte e sua prática envolve incerteza, além de ter que dialogar sobre questões que envolvem aspectos intangíveis e incomunicáveis no trato com os públicos, as obras, a instituição e seus respectivos contextos e particularidades. Outro ponto destacado por um dos participantes foi o fato de que “ensinar” no museu é um tabu e que por isto, em certos casos, o educador pode se tornar uma fábrica de perguntas, não se posicionando diante de nada, parecendo ter alguma dificuldade para lidar com o silêncio. A mediação às vezes fica tão aberta e sem direcionamento que leva a questionar se realmente ela precisaria existir.

Para enfrentar desafios implicados no papel do educador foram apontadas algumas medidas que podem viabilizar a aproximação entre o professor e o papel do mediador, oferecendo caminhos para fortalecer a ambos. Assim, o professor pode ampliar a sua atuação e o educador do museu reforçar sua vocação para o diálogo e para a mediação como ponto de partida, não de chegada.

O conjunto das discussões deste II ENCONTRO DE EDUCADORES – EDUCAÇÃO EM MUSEUS PELOS EDUCADORES: MUDANÇA SOCIAL EXISTE? integra a programação da 11ª Semana de Museus/IBRAM, fornece subsídios valiosos para pensar a mediação na prática, alimenta a Área de Ação Educativa do Museu Lasar Segall e, em especial, o seu Projeto professor-educador, reiterando a importância deste espaço de diálogo entre educadores.